

O CARTEL FAZ ESCOLA

Em 2004, no final de seu texto denominado “Por uma Escola do Cartel” (in Em torno do Cartel, org. por Barbara Guatimosin), Rithé Cevasco coloca a seguinte questão: “saberemos fazer uso deles (referindo-se aos dispositivos Cartel e Passe) nessa Escola novamente criada? Saberemos nos apoiar neles para lhes conferir toda sua amplitude?” (p. 118).

Com essas questões inicio meu texto, pois me parecem fundamentais para nossa discussão nesta mesa: (os cartéis na Escola hoje?). Além disso, são questões que se articulam com a pergunta com que a Comissão de Cartéis do Fórum São Paulo se colocou em 2005: o que uma comissão de Cartéis pode pôr em causa na formação analítica? Se por um lado a aposta era de trabalho em Cartel, por outro nos perguntávamos a respeito dos motivos pelos quais haviam poucos Cartéis em funcionamento, ou mesmo, quais as razões dos impasses que levariam a tantas dissoluções. Partindo do princípio de que “existe um Real em jogo na própria formação do psicanalista” e de que as “sociedades existentes fundam-se nesse Real” (Proposição), entendemos que esse Real encontra-se em jogo na própria estrutura de funcionamento dos Cartéis, o que tanto causa como atrapalha o funcionamento desse dispositivo. O que nos fez desdobrar a questão inicial: como sustentar o desejo de trabalhar em Cartel, transmitir a função desse enlaçamento e propiciar que as crises se transformem em produções?

Diante do não saber, pudemos concluir que a função desta comissão não poderia se reduzir a uma questão administrativa, desde já estávamos causados, a partir de nossa formação analítica, a responder tais questões. Assim, decidimos que constituiríamos um Cartel: havia ali se instalado uma transferência de trabalho e daquela forma

acreditávamos que poderíamos avançar em relação ao que nos movia... O tema de nosso Cartel, O Cartel faz Escola, também título deste texto, inseria três perspectivas fundamentais: a transmissão que se sustenta na transferência de trabalho; o ato que implica uma posição a partir da qual se transmite; e a formação do analista tal como Lacan propõe com sua Escola. Entendemos com isso que Lacan procurou encontrar uma estrutura de funcionamento que contemplasse em sua lógica o que poderia haver de mais singular em uma psicanálise e o universal da teoria. Nesse sentido, não é por acaso que inventa dois dispositivos – Cartel e Passe – que mantêm abertas as questões a respeito do que seja um psicanalista, causando um a um, seja um participante ou analista membro de Escola, a respondê-las a partir de seu processo de formação. Assim, essa lógica de funcionamento permite que cada um encontre-se sempre no ponto de fazer Escola. É uma montagem artificial, mas que tem seus efeitos e opera em ato.

Gostaria de apresentar neste encontro duas experiências de Escola que pudemos acompanhar nestes dois anos em São Paulo. Decididos a trazer a céu aberto estas questões, propusemos em 2005 um encontro de discussão do qual participassem aqueles que de alguma maneira estivessem interessados na experiência de cartel. Foi muito proveitoso acompanhar os testemunhos e esforço de cada um em fazer da solidão de sua formação analítica e de seu trabalho em Cartel a transmissão de algo que fizesse laço e pudesse circular em uma comunidade de trabalho. Nesse primeiro encontro foi interessante ver colocada a questão a respeito de qual o critério para afirmar que um cartel funcionou ou não. Chegar ao fim é equivalente a dizer que deu certo? Ou, porque se dissolveu, necessariamente não funcionou? Naquele momento foi possível concluir que os efeitos do Cartel são verificáveis a posteriori e, mesmo sem um produto escrito, seria possível ter havido uma produção de saber. Em 2006, novamente realizamos esse

encontro, ao qual nomeamos “Café Cartel, Mais-um passo”. Foi possível presenciar o efeito demonstrado por cada um, depois de um tempo em funcionamento, um efeito de “erosão”, como disse um cartelizante, ou, de “passagem” do conforto do grupo ao desconforto da solidão com o “furo” que o mais-um provocou, como disse outro. Neste encontro discutiu-se a respeito da função do mais-um que evidencia o Real em jogo no cartel, como um “estrangeiro” que chega e descompleta, assim como a questão do produto e da produção. Como disse outra cartelizante, ocorre uma passagem da transferência ao “mais-um” à transferência ao “texto”.

O que permite afirmar que estas foram experiências de Escola? É muito interessante acompanhar que, para Lacan, desde 53 a causa analítica sustentava a transmissão psicanalítica e desde cedo ele propunha a indissolubilidade entre a formação teórica e analítica implicando o modo de transmissão em pequenos grupos de trabalho. Denominado cartel em 64, sustentado e aprimorado em 80, na fundação e na dissolução da EFP, Lacan insiste no cartel. É como órgão de base que ele institui a Escola da causa Freudiana e o mantém no cerne de sua proposta de Passe.

Lacan deixa bem claro que a entrada na Escola de qualquer participante se dará por um projeto de trabalho e que a Escola garantirá a relação do analista com a formação que ela dispensa. Ora, me parece que justamente o ponto em que Lacan insiste quanto a essa relação, não passa pela mestria, mas por aquilo que torna cada um responsável pelo progresso da Escola e psicanalista de sua própria experiência. Assim entendendo que a estrutura de funcionamento do cartel coloca em jogo aquilo que de mais singular da experiência analítica pode se articular com um saber que advenha da necessidade de articulação e transmissão, fazendo um laço.

Em 1978, na conclusão do IX Congresso da Escola Freudiana de Paris sobre “A transmissão”, Lacan dirá que “... a psicanálise é intransmissível. (...) É um tormento que cada psicanalista seja forçado – pois é preciso que seja forçado – a reinventar a psicanálise.”

Reinventar a psicanálise ... Um a um, a partir de sua análise, de seu desejo, de suas questões se engaja no trabalho de formação em psicanálise. Desde o início da Escola de Lacan foram estes os eixos que nortearam as produções: a formação do psicanalista e a transmissão da psicanálise. É no mínimo enigmático pensar que a psicanálise seja intransmissível. Pode-se desdobrar as questões: o que se transmite em psicanálise? Como se transmite a psicanálise? De que transmissão se trata? Onde se transmite a psicanálise? É exatamente em relação a este ponto que os encontros que tivemos em São Paulo podem estar configurados como experiências de Escola. Ali houve transmissão. A cada texto apresentado, um testemunho diferente, testemunhos do impasse em que os cartelizantes se encontravam e das saídas criativas que cada um pôde encontrar, seja para o efeito de cola, para a dificuldade de escrever, como para a finalização do próprio Cartel.

Foi muito interessante verificar a importância de existir no próprio Fórum um espaço de acolhida dos textos. Alguns avançarão em direção a um produto final a ser apresentado para nossa comunidade nos encontros nacionais, outros serão apresentados em uma instância local, mas o fundamental foi a precipitação de uma escrita causada pelo próprio Café Cartel. Sem a exigência de relação entre a experiência e a teoria, as produções apareceram. O que nos fez pensar qual a função de uma Jornada própria de Cartéis? Apenas como espaço de apresentação de trabalhos? Ou será que sua inovação se encontra no ponto em que se situaram as jornadas de 74 das quais temos notícia?

Qual seja, o de presentificar em nossos encontros de Escola um espaço de reflexão a respeito de seus dispositivos.

Em seu texto Sr. A, Lacan dirá: *É preciso que inove, disse – salvo que acrescentando: não sozinho. // Que cada um ponha aí algo de seu. Vamos. Reúnam-se vários, grudem-se o tempo necessário para fazer alguma coisa, e depois dissolvam-se para fazer outra.* Ora, não é exatamente esta a proposta do cartel? Para manter seu objetivo de trabalho, ou fazer alguma coisa Lacan impõe um limite, um corte, uma dissolução. Não seria esta a mesma lógica que sustenta o cartel? Quatro se reúnem, escolhem mais-um e depois de no máximo dois anos se dissolvem ... e então apresentam seus produtos. Se antes pontuamos estes dois eixos como fundamentais do cartel, vemos agora que eles se sustentam articulados à própria lógica de dissolução. Aí se encontra a própria função do mais-um: de corte, de limite ao efeito de grupo, de dissolução. Sabemos que não é fácil sustentar uma produção e que esta exige um tempo de compreensão necessário e particular, mas somente um corte pode barrar a inércia do gozo, furando o empuxo ao sentido para que uma conclusão se imponha.

Concluo meu texto com o final do Ato de Fundação:

“Há um ponto, no entanto, em que o problema do desejo não pode ser eludido: é quando se trata do próprio psicanalista.// Isso é da alçada tão somente daqueles que, psicanalistas ou não, interessam-se pela psicanálise em ato.//É para eles que se abre a Escola, para que eles ponham à prova seu interesse, não lhes sendo proibido elaborar sua lógica”(246).

Beatriz Oliveira